

GT68: Reflexões e práticas sobre a restituição de dados da pesquisa antropológica

Jaqueline Ferreira, Soraya Fleischer

Há uma etapa no trabalho antropológico que, embora traduza aspectos éticos, teóricos, metodológicos, políticos e epistemológicos da disciplina, é pouco relatado pela comunidade acadêmica: "devolver", "restituir", "compartilhar", "entregar", "divulgar", "retornar" os dados. Durante a realização de uma pesquisa ou depois que ela termina, pouco se registra e reflete sobre as estratégias, os desafios e os desdobramentos dos rituais de apresentação de seus resultados. Assim, é pertinente nos questionarmos: Que termo tem sido adotado e quais as implicações de seu uso para a prática de compartilhar resultados? Para quem, em que situação, em que momento e em qual formato isso acontece? De volta ao campo, como é a recepção das interpretações feitas pela Antropologia? Teme-se as reações, sobretudo, mal-entendidos, constrangimentos, distorções, adaptações ou usos políticos inesperados por parte das interlocutoras e outras pessoas implicadas na pesquisa? O silêncio sobre essa etapa de nosso exercício profissional implica estarmos diante de um tabu na Antropologia ou sinaliza outras nuances da área? Esse GT pretende reunir relatos e reflexões a partir de diferentes experiências de devolução de dados e resultados de projetos de pesquisa, docência e extensão na Antropologia e a recepção dos mesmos pelas interlocutoras de pesquisa. O principal objetivo do GT é ampliar e adensar o debate sobre essa etapa de trabalho em nossa área.

Devolver, se (envolver) e construir: divulgação científica de campo islâmico nem sempre fácil, mas sempre necessária.

Autoria: Francirosy Campos Barbosa

A proposta dessa comunicação é sobretudo falar dos desafios que é tratar de um campo islâmico há mais de duas décadas e como divulgar conhecimento gera confronto, reações adversas, dentro e fora do campo. O quanto tem sido promissor a divulgação, mas também desafiante nos tempos em que a mídia (TV, Jornais, etc) constroem um muçulmano como terrorista, e uma muçulmana como oprimida. Dentro do campo as reações são positivas, mas também trazem dúvida do papel que uma antropóloga-muçulmana executa. O lugar de diálogo é sempre tenso, mas traz ganhos, como o reconhecimento da pesquisa atual sobre Islamofobia como uma das mais importantes do departamento de psicologia/USP em 2021, e pela possibilidade de ter garantido uma bolsista para administrar as redes sociais do GRACIAS (Grupo de Antropologia em Contextos Islâmicos e Árabes) no Instagram e Twitter, a divulgação do que produzimos ficou mais dinâmico e não centralizada na coordenadora do grupo. Entretanto, são muitos os desafios a serem enfrentados, porque não se trabalha apenas com a devolutiva de grupos pesquisados, mas com a universidade, imprensa e vários outros grupos que ao acompanhar o trabalho desenvolvido se interroga e nos interroga.

[Trabalho completo](#)

33ª Reunião Brasileira de Antropologia - RBA

A 33ª Reunião Brasileira de Antropologia (RBA) foi realizada de forma on-line, pela Associação Brasileira de Antropologia (ABA) e em parceria com a Universidade Federal do Paraná (UFPR), entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022.

Às vésperas do bicentenário da Independência política do Brasil, a entidade mais antiga das Ciências Sociais do país – Associação Brasileira de Antropologia (ABA) - realizou o evento que contou com a participação de mais de 2 mil pesquisadores/ pesquisadoras da Antropologia e área afins oriundos da América Latina, América do Norte, Europa e África.

A programação contou com: 76 Grupos de Trabalhos, 32 Simpósios Especiais, 54 Mesas Redondas, 05 Oficinas, 04 Minicursos, 04 Conferências, 06 Reuniões de Trabalho, Lançamentos de Livros, Atividades do Prêmio Pierre Verger (Mostras de filmes, ensaios fotográficos e desenho); Feira de Livros e diversas premiações (Prêmio Pierre Verger, Prêmio Lévi-Strauss, Prêmio Lélia Gonzales, Prêmio Heloisa Alberto Torres, Prêmio Antropologia e Direitos Humanos, Prêmio de Ensino de Antropologia, Prêmio de Divulgação Científica, além da Medalha Roquette Pinto).

A Reunião permitiu à comunidade antropológica reafirmar seus compromissos com os direitos dos povos indígenas, com as populações das periferias, com as comunidades quilombolas, LGBTQI+ e de favelas. Se tratou de um evento de primeira grandeza para a Antropologia nesses tempos em que os direitos básicos estão ameaçados, possibilitando a reflexão, o questionamento e o pensar sobre os desafios e dilemas da atualidade.

Realização:



Apoio:



Organização:

